

PODE ATÉ SER E PRESSÁGIO DE UM SALSO CHORÃO (dois poemas de Alfonsina Storni)

Tradução e prólogo de Laura Paola Ramos Alves. Revisão de tradução de Andrea Cristiane Kahmann. Revisão final de Daniel Soares Duarte.

Nascida na localidade de Sala-Capriasca, na Suíça italiana, em 29 de maio de 1892, Alfonsina Storni chega à Argentina com quatro anos de idade, quando já escrevia. Sua família abre uma cervejaria: Storni & Cia, que produzia a Cerveza de los Alpes. Os Storni passavam por uma grave crise econômica devido às dívidas contraídas na compra de imóveis e maquinário industrial. O processo de descenso financeiro se intensifica entre os anos de 1896 e 1900, quando a família se muda da Província de San Juan para Rosário.

Instalados em Rosário, investem em empreitadas comerciais, entre as quais um café próximo à estação ferroviária; nele, Alfonsina — com apenas nove anos — trabalhou servindo mesas e realizando a limpeza. A poeta (autodeclarada aos doze anos de idade) e a irmã desde cedo contribuíam com o sustento familiar, trabalhando como vendedoras em lojas de modas. Em 1908, a família se transfere para Santa Fé. No mesmo ano, desejosa de se livrar do jugo familiar, Alfonsina se junta a uma companhia teatral que fazia uma turnê pelo país. Na edição 82 da revista *Monos y Monadas*, em 8 de janeiro de 1912, publicou o poema “Anhelos”. Após um período trabalhando como zeladora escolar, retorna a Rosário — aos dezessete anos — para finalizar os estudos na *Escuela Normal Mixta de Maestros Rurales*, onde desenvolveu sua habilidade em canto e, após um episódio constrangedor, decidiu abandonar a carreira docente.

Grávida e relegada, parte para a capital decidida a levar a gravidez até o fim. Na fase de adaptação à cidade portenha, viveu em uma pensão e teve seu filho, Alejandro. Trabalhou como caixa em loja departamentos, foi datilógrafa e redatora de anúncios publicitários para uma importadora. Este último emprego lhe rendeu uma recomendação ao editorial da revista *Caras y caretas*, em 1913, e suas condições econômicas melhoraram, possibilitando-lhe alguma mobilidade; viajou frequentemente a Montevidéu, onde fez amizade com José Enrique Rodó e Baldomero Ugarte, conheceu Juana de Ibarbourou e o grande amor de sua vida, Horacio Quiroga.

Em 1916, publicou na revista literária *La Nota* os poemas “Convalecer” e “Golondrinas”. Em 1918, passou assinar uma coluna fixa nessa publicação; divulgou uma novela no semanário *Mundo Argentino* e ainda publicou sua primeira obra poética completa: *La inquietud del rosal*, na qual expressou seus desejos como mulher e descreveu a condição de mãe solteira sem meias palavras, característica que passou a marcar sua produção. Classificava perfis femininos usando sátira, ironia e paródia, algo que não era predominante naquela época para uma mulher. Além disso, expôs com argumentos muito avançados e

sólidos sua ideologia política, usando o pseudônimo Tao Lao, apoiando a greve das telefonistas e a fundação do Partido Feminista Nacional.

Alfonsina Storni tem uma prosa feminista, dividida em duas fases: a fase romântica, tratando de assuntos de cunho erótico e sensual, com ressentimento em relação à masculinidade; e uma segunda etapa, em que aborda reflexivamente a vida de forma abstrata com uma escrita vanguardista, fazendo uso de antissonetos, por exemplo. Compôs uma obra original e ímpar na América Latina, que retrata seu sofrimento, seu medo e a esperança do fim da vida. Com o suicídio de seu amigo e amante Horacio Quiroga, e com a crença de que o suicídio era uma escolha concedida pelo livre-arbítrio, ideia expressa em Poema a Horacio Quiroga, deprimiu-se profundamente e abandonou o tratamento médico para o câncer de mama que desenvolvera. Sua última publicação, “Voy a dormir”, é um soneto que inspirou o zamba *Alfonsina y el mar*, composto pelo pianista Ariel Ramírez e por Felix Luna (interpretado magnificamente por Mercedes Sosa em 1969). O soneto foi o marco de despedida de sua vida: cometeu suicídio aos 46 anos (1938). Seu corpo encontra-se no Cementerio de la Chacarita.

Os poemas apresentados foram escolhidos de modo a retratar as características mais pujantes de cada uma das fases da obra poética de Alfonsina Storni. O primeiro é “Pudiera ser”, uma peça com teor feminista e autobiográfico, que demonstra na opressão familiar em que viveu a resignação da mãe e a liberdade que a poeta rebelada experimentou. O segundo, “Sugestión de um sauce”, é marcado por uma rejeição aos ditames modernistas — o antissoneto. Carregado por subjetivismo, o texto é repleto de adjetivações, cercado por uma natureza exuberante e culminando em suicídio, demonstrando que para ela este seria o caminho em direção à liberdade. Segue-se, dessa maneira, o caminho que a produção da poeta percorreu: da rebelião à depressão. Este trabalho buscou estratégias que não interferissem nas rimas e nas sílabas poéticas originalmente pensadas pela autora, procurando manter os textos preservados e preparados para a declamação ou o canto.

Pode até ser

Para esta tradução, considerou-se como fonte o poema *Pudiera ser*, disponível em:
<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/pudiera-ser/html/38d010c2-61ab-497d-932d-2d92e31b8b26_2.html>
Acesso em: 2 mar. 2018.

Pode até ser que o que em versos tenho sentido
não seja mais que tudo o que nunca pôde ser
e não seja mais que algo vedado e reprimido
de família em família, de mulher em mulher.

Dizem que nos quintais da minha gente, medido,
estava tudo o que se deveria fazer.
Dizem que silenciosas as mulheres têm sido
na minha casa materna... Sim, pode até ser...

Algumas vezes em que minha mãe desejou
libertar-se... acabou por calar-se, então chorou
a sombra de suas dores em profunda amargura.

Remoendo o vivido, o vencido, o mutilado,
ao que se achava na sua alma trancafiado,
Ah!... Sem pretender, a tudo isso eu trouxe a cura.

Presságio de um salso chorão

Para esta tradução, considerou-se como fonte o poema *Sugestión de un sauce*, disponível em:
<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/pudiera-ser/html/38d010c2-61ab-497d-932d-2d92e31b8b26_2.html>
Acesso em: 2 mar. 2018.

Deve existir a cidade de musgo
em cujo céu de cinzas, ao crepúsculo,
cruzam os anjos verdes com as asas
caídas de cristal escangalhado.
E ali, sobre as bordas de uns frios espelhos
na lúgubre relva, inclinadas choram
longas viúvas do vento amarelento
que o vidro desdesenha balanceadas.

E num ponto no espaço de suspensas
cordoalhas d'água, a menina morta
vai pensando sobre botões de trevo.
E uma gruta que chove docemente
batráquios vegetais que se estatelam,
nascentes folhas, sobre o macio limo.

